

Revés de um parto

Luto materno

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU
[ORG.]



REVÉS DE UM PARTO

Luto materno

Copyright © 2022 by autoras

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Revisão: **Raquel Gomes**

Capa: **Alberto Mateus**

Imagem da capa: **Melancolia, escultura
de Albert György**

Diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	9
<i>Maria Manso</i>	
Apresentação	11
<i>Karina Okajima Fukumitsu</i>	
1. O vazio estéril e os fragmentos do luto gestacional	13
<i>Karina Okajima Fukumitsu</i>	
2. Maternidade – Uma luz em minha vida.	23
<i>Rosana De Rosa</i>	
3. Mães Para Sempre	37
<i>Amanda Tinoco</i>	
4. Praticando a “besourança” – Transformando a dor em esperança	45
<i>Paula Fernandes Távora</i>	
5. Tsunami existencial	55
<i>Elaine Prestes</i>	
6. Mães Semnome – Uma dor imensurável e inominável	65
<i>Márcia Noletto</i>	
7. Veredas no outono	71
<i>Cristiana Jacó Monteiro Cascaldi</i>	
8. Desbravando memórias e tecendo o futuro	79
<i>Gláucia Rezende Tavares</i>	

9. 27 de janeiro de 2013 – O dia em que a negligência roubou minha filha	89
<i>Ligiane Righi da Silva</i>	
10. Todos os dias 25 são de janeiro	95
<i>Helena Taliberti</i>	
11. O dolorido croma	103
<i>Sandra Moreno</i>	

Prefácio

Maria Manso

Saio do elevador e encontro um corredor frio e escuro. Toco a campainha. Quando a porta se abre, tudo muda. Um ambiente claro e iluminado, cheirando a mato e natureza, invade meus cinco sentidos. Uma mulher pequena na estatura, mas gigante no acolhimento sorri e nos convida a entrar naquela sala. Eu e minha equipe de reportagem passamos pelo batente da porta já encantados. Eu havia marcado uma entrevista com a maior referência brasileira em suicidologia. Não sabia o que esperar, mas certamente não poderia ser melhor do que aquilo.

O motivo que me levou a conhecer a doutora Karina Okajima Fukumitsu era tabu até entre jornalistas e meios de comunicação: o suicídio de crianças e adolescentes. O aumento do número de casos nos últimos tempos gritava que era preciso informar, esclarecer, alertar pais, mães e sociedade. Porém, durante muito tempo acreditou-se que falar de suicídio provocava o que se chama de “desencadeador”, ou seja, estimulava mais pessoas, já suscetíveis, a tentar suicídio. Por isso, o silêncio era visto como a abordagem certa. Mas a doutora Karina iluminou nosso trajeto, tanto na entrevista daquele dia como no encaminhamento do documentário *Precisamos falar sobre isso*, que foi ao ar pela TV Cultura.

Nesse caminho, ganhei uma amiga e uma constante inspiração. “Caminha que a vida te encontra”, costuma dizer Karina. Uma frase curta, mas de imenso significado. Vale para quase tudo, inclusive para o assunto deste livro.

Sempre acreditei que a morte nos aproxima da vida. Coloca-nos diante da finitude que transcende nosso alcance. Sentimos de forma

palpável como tudo pode mudar num segundo. Como não controlamos nada. Como conhecemos pouco. Como precisamos viver e aproveitar o agora – mesmo sabendo que nada será como antes de um luto, pois cada ausência cria uma presença constante. A pessoa que se foi fica para sempre em nós. Lembranças, sorrisos, gargalhadas, aventuras, choros, colos, discussões, aprendizados. Nada nem ninguém nos tira o que vivemos de verdade. O que nos transformou e formou. Já perdi pai, irmão, amigos de alma, amores da vida. Mas sei que perder um filho é acessar outra prateleira na estante da dor.

As mulheres que compõem este livro nos mostram isso. E também indicam que há saídas mesmo no fundo do poço, mesmo no túnel sem luz, mesmo na morte. E saber que outras pessoas conseguiram superar uma dor que parece insuportável pode nos fortalecer. São relatos doloridos, mas também imensamente generosos.

Por isso, para mim, este livro é como a porta da sala naquele corredor frio e escuro que se abriu para uma sala iluminada e perfumada. Tomara que, ao lê-lo, seus cinco sentidos também sejam estimulados a buscar saídas. Sempre.

Apresentação

Karina Okajima Fukumitsu

É um contrassenso ter filhos para que nós os enterremos. Uma coisa é se preparar para “perder um filho para o mundo”, mas é surreal que eles partam antes de nós. Perder um filho para o *mundo* seria mais aceitável, mas perder um filho para a *morte* não o é.

A sensação de traição nos atinge em cheio e nos coloca em uma montanha-russa sem sentido. É o “revés de um parto”, como na música “Pedaço de mim”, de Chico Buarque: “Oh, pedaço de mim/ Oh, metade arrancada de mim/ Leva o vulto teu/ Que a saudade é o revés de um parto/ A saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu”.

Quando morre um filho, as entranhas viram do avesso.

Foi Buenos Aires o berço desta obra, concebida em 25 de janeiro de 2020, dia do meu aniversário. Tocada fortemente pelo movimento das Mães da Praça de Maio – cujos filhos desapareceram durante a ditadura militar que vitimou a Argentina de 1976 a 1983 –, sentime motivada a organizar este livro sobre o processo de luto materno. Dessa forma, gestei este projeto no intuito de oferecer colo às mães enlutadas.

Acompanhar e sentir tamanha dor me fez refletir profundamente sobre o sofrimento que somos obrigados a enfrentar e sobre a eterna busca de sentido na vida.

Quem foi o agente da morte do meu filho? Quem foi o responsável por essa dor dilacerante? Talvez nunca tenhamos respostas, mas desejo aqui mostrar que é possível para uma mãe enfrentar essa perda.

Os relatos presentes nestas páginas falam de filhos que morreram de diversas formas e em condições diferentes – no ventre, por suicídio, acidente, desastre, doença crônica e rara, tragédia natural, negligência

social, desaparecimento. Independentemente da forma como se deu a partida, existe um sentimento comum: *uma dor insuportável*.

Na maioria dos casos, a morte veio de forma repentina, sem dar nenhum sinal; e, naqueles em que havia um adoecimento prévio, o fato de nunca mais ver fisicamente o filho ou a filha provocou *desespero*, estado de sofrimento existencial sem sentido que nos tira o chão abruptamente.

A morte de um filho é indignação sem rumo que transforma nossa trajetória mais em peregrinação que em caminho. Trata-se de um processo que nos obriga a reassumir o papel de mãe, pois quando os perdemos parte de nós também se vai. A partida de um filho ocasiona inúmeras outras partidas.

É a ambivalência entre morte e vida que se desvela e, em tessitura sutil, faz que a gente, mesmo morta por dentro, busque vida. É preciso ter coragem para lidar com a morte de nossos filhos, e neste livro reuni muito mais que histórias tristes: organizei e compilei trajetórias corajosas de mães em processo de luto. E, se a palavra *coragem* vem do latim e significa “coração em ação”, acredito que esta obra evidencie os caminhos fragmentados percorridos apesar do coração partido pela dor dilacerante.

Nós, as mães autoras, conseguimos encontrar forças para eternizar as histórias de nossos filhos. E acreditamos que, ao compartilhar essa dor, temos a oportunidade de legitimar, por meio de projetos sociais e ações que transbordem amor, a presença deles dentro de nós.

Virou luta diária homenagear e reverenciar nossos rebentos. *A luz da existência daqueles que receberam o título de filhos e filhas deve permanecer*. A presença deles foi o mais valioso presente em nossa trajetória existencial. Assim, morte nenhuma retirará o compromisso materno e o vínculo que manterá vivo o amor que nos une em chama pulsante.

1. O vazio estéril e os fragmentos do luto gestacional

Karina Okajima Fukumitsu

É afinal uma força dentro do humano com a qual realizamos tudo, uma constância e uma direção pura do coração. Quem a possui não deveria se deixar amedrontar.
(Rilke, 2007, p. 72)

Que alegria ver uma criança que nasce. Vida, luz e esperança. Novidade e sabedoria que chegam em forma de existência. É preciso comemorar a vida que se inicia!

O nascimento de um ser humano representa a concretização de histórias entrelaçadas. Porém, há entrelaço que se torna nó. E o “nó existencial” que compartilho neste capítulo é o do luto gestacional. No ano de 2004, engravidei daquele que seria meu primogênito e sofri um aborto espontâneo no momento em que ouvi minha mãe dizer que se mataria. Então eu disse a ela: “Por inúmeras vezes você tentou se matar e não morreu. Até quando vai querer escolher o momento em que morrerá? Não escolhemos o momento da nossa morte. Calma. Você terá seu tempo de morrer” (Fukumitsu, 2019a, p. 5).

Logo em seguida, senti uma pontada. No pronto-socorro, a ultrasonografia identificou que o feto estava morto; a recomendação médica foi a de que eu aguardasse duas semanas para que meu organismo abortasse voluntariamente.

Foram as duas semanas mais horrendas que vivi, pois dentro de mim não habitava mais meu projeto de vida, mas sim a morte. Nesse período, senti-me em estado de putrefação por caminhar com um ser

morto dentro de mim. Velei meu filho em um território chamado *meu ventre*, aguardando que ele fosse expelido do meu corpo. Isso não aconteceu e rumei para a curetagem, a qual constituiu o “revés de um parto”.

Compareci ao hospital no dia marcado e passei por toda a preparação cirúrgica. Lembro-me da sensação surreal de entrar em um local intitulado “sala de parto”. Adentrei aquele espaço sabendo que não sairia com meu filho vivo, que retirariam de mim um ser que não pôde continuar no meu ventre. Jamais imaginei que daria à luz a morte. Logo que li a placa, recomecei a chorar. Tomei a anestesia local e, depois de um tempo, ouvi o obstetra comentando com os assistentes que o procedimento estava chegando ao fim. Era também o fim de meus sonhos, projetos e da fé em que conseguiria realizar o sonho de ser mãe.

Felipe é o nome do meu filho que não se concretizou fisicamente, mas mora *apenas* em minha memória sonhadora. A palavra está realçada por ser “apenas” o único argumento que tenho depois de ter experienciado o luto gestacional. Segundo o *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa* (2010, p. 55), apenas significa: “1. Só, unicamente. 2. A custo, com dificuldades. 3. Logo que, assim que”.

Falar sobre o filho que morreu no ventre é considerar um nascimento que não pôde acontecer. É viver “só” e “unicamente” uma experiência compartilhada com outra existência que não se concretizou.

Passar pela experiência do luto gestacional é viver “a custo, com dificuldades” o ventre esvaziado e não preenchido. Ter o filho morto antes mesmo de nascer é sustentar as consequências do “logo que, assim que” o feto partiu por obrigatoriedade, não pela minha vontade.

Quando Felipe morreu, foi embora também a promessa de direcionar meus afetos a alguém. Portanto, morreu também o projeto de dar mais vida à minha existência.

Fruto da relação amorosa com meu marido, meu primogênito carregaria, mesmo antes de nascer, muitas expectativas de conti-